

GAZETA LITERARIA.

Septembro de 1761:

FRANCA, A.

Del' Origine des Loix, des Arts, & des Sciences.

Isto he

Origem das Leis, das Artes, e das Sciencias, e dos seus
progeſſos nos Póvos antigos, &c.

SEGUNDO EXTRACTO.

O AUTOR desta Excellente Obra trata das Leis, das Artes, e das Sciencias, como já diſſemos, e confidera cada hum destes tres objectos em tres periodos diferentes. Principia com os homens ſahindo do diluvio, ou para melhor dizer, na confuſão das linguas, e no primeiro intervallo nos mostra formarem-se em Sociedade pela união das familias, occuparem-se com o cuidado do necessario por
A praticas

praticas vagas, e arbitrarías, e elevarem-se pouco a pouco a methodos capazes de dirigir mais seguramente as suas operações. No segundo, e terceiro intervallo tornaõ a apparecer os mesmos objectos pela mesma ordem, mas com novas particularidades, que mostraõ o progresso dos conhecimentos humanos, e appresentaõ sempre as Leis, as Artes, e as Sciencias pelo modo, que lhes convem relativamente ao Seculo, de que se falla. A parte, que trata das Leis, e do Governo, foi materia de hum Extracto, em que procuramos dar alguma idéa do methodo solido, e judicioso, que o Author segue em toda a Obra.

Dez-javamos fazer o mesmo a respeito das outras duas partes, que quasi taõ huma historia completa das Artes, das Sciencias, da Navegação, do Commercio, da arte Militar, dos usos, e dos costumes dos Póvos antigos. Mas como para indicar sómente, o que comprehende cada hum destes artigos feriamos mais difusos, do que devemos ser, diremos só em geral, que nenhuma couza escapa á attenção do Autor, e que he admiravel, principalmente, quando trata das Artes. A maior parte daquelles, que entre os modernos quizerãõ explicar a origem dos nossos conhecimentos, se applicarãõ menos a indagar o verdadeiro, do que o que lhes parecia verosimil. Deixarãõ correr a sua imaginação para fabricar hypothefes, que não são realmente, se não jogos de juizo, sujeitando a verdade ás suas idéas em lugar de sujeitar estas áquella. Não faz o mesmo o Autor da presente Obra, por que os factos são os pontos fixos, de que principia caminhando sempre acompanhado das luzes da Historia.

Todas as Memorias antigas mostraõ, que os homens depois do diluvio se achãõ sepultados na barbaridade, e ignorancia. A necessidade lhes fez imaginar praticas grosseiras, sobre as quaes não podemos fazer, se não conjecturas para conhecer os primeiros passos para as Artes. Consultadas as tradições, e costumes antigos, e combinando os methodos recebidos com as tentativas, que os precederãõ, podem-se explicar por hum modo, mais que provavel os meios, que primeiramente empregãõ os homens para ter a subsistencia necessaria, e livrar-se das injurias do ar.

Depois que as familias se ajuntãõ, aperfeiçoãõ-se os primeiros

meiros inventos, mas nunca os homens poderiaõ formar sociedades grandes, se não tivessem descoberto a Agricultura, por que só esta pôde fazer viver hum grande numero de homens em huma mesma terra. Desta fórte podemos dizer, que só ao descobrimento da Agricultura devemos aquella multidão de Artes, e Sciencias, de que hoje gozamos. Em quanto os Póvos não conhecêraõ outros meios de sustentar-se, se não o da caça, da pesca, e do cuidado dos seus rebanhos não fizêraõ grandes progressos no conhecimento das artes: o genero de vida, que tinhaõ, os obrigava a mudar continuamente de lugar, e habitação, e não os obrigava a fazer uso de todos os regressos, de que he capaz a indutria humana; mas a cultura da terra os constrangeu a estabelecer-se em hum mesmo lugar, e a inventar todas as Artes, de que tinhaõ necessidade para o bom successo da cultura, ou para tirar dellas as utilidades, que produzem. Desta fórte a lavoura, que he a mais importante de todas as partes da Agricultura, foi primeiramente achada, ou conservada nas familias, que continuáraõ a habitar a terra, em que Noé, e seus filhos se estabelecerãõ depois do diluvio. Parece, que principiáraõ a cultivar a terra à força de braço, e com instrumentos imperfeitissimos, e que pouco a pouco inventáraõ outros mais commodos, e menos defeituosos. O modo de fazer a colheita, a arte de separar, o grão da espiga, e de o alimpar depois de tirado della, foraõ effectos da experiencia, e da reflexãõ.

A arte de fazer pão he o objecto, e fim de todos os trabalhos da lavoura, e não, se pôde negar, que esta he tão antiga, como a Agricultura, mas teve, assim como todos os inventos humanos, principios muito grosseiros; e as differentes preparaçoens, que successivamente se foraõ dando ao trigo, saõ huma parte curiosa, e interessante da historia das Artes. O modo de preparar as bebidas artificiaes, de tirar oleo dos frutos, e plantas, e a cultura das arvores, e dos legumes pertencem tambem á Agricultura, e devem entrar na sua historia.

As artes, que servem para vestir-nos, saõ sem contradicção as mais utis, e mais necessarias depois daquellas, que servem para nos sustentar. Não há couza, em que o juizo humano mostrasse tanta sagacidade, nem que lhe faça mais honra, do que o invento destas Artes. Principia a historia destas por

huma reflexão, que nos parece preciosíssima. „ O uso dos vesti-
 „ dos, diz o Autor, procedeu de alguma causa differente da sim-
 „ ples necessidade de mitigar as injurias do ar; por que há cli-
 „ mas, em que quasi seria inutil esta precaução. Se exceptuar-
 „ mos alguns Póvos absolutamente barbaros, e grosseiros, acha-
 „ remos, que todas as nações, tem tido, e ainda hoje tem o
 „ costume de cobrir o corpo com vestidos mais, ou menos ele-
 „ gantes, conforme a sua industria. Vemos, que as Artes a res-
 „ peito dos vestidos tiverão principio naquelles Paizes, em que
 „ o temperamento do ar faz menos necessaria similhante cautella.
 „ Segue-se daqui, que outra razão muito differente da necessida-
 „ de obrigou os homens a cobrir o corpo. A necessidade con-
 „ correria alguma couza para este costume tão antigo, e tão uni-
 „ versal; mas fosse o motivo, que fosse, he certo, que em to-
 „ dos os tempos se applicáraõ os homens a procurar materias,
 „ que ao mesmo tempo, que cobrissem o corpo, não constrian-
 „ gessem a liberdade dos seus movimentos. O emprego destas
 „ materias tem sido objecto de hum estudo constante, e reflecti-
 „ do: a indagaçoens, e tentativas multiplicadas he que devemos
 „ aquella infinita multidão de tecidos differentes, que se usaõ nos
 „ Póvos civilizados.

A Arte de tingir nasceu com a Arte de vestir; a maior parte das materias, que servem para fazer os tecidos, são naturalmente escuras, e sombrias. Os vestidos seriaõ por consequencia de huma disgostosa uniformidade, se não se achasse o meio de remediar este inconveniente, variando as cores, e matizes. Ainda que apparecessem facilmente materias, que produzissem as côres, não era da mesma sorte facil achar o segredo de as empregar. Foraõ primeiramente necessarias muitas experiencias antes de chegar a saber applicar convenientemente as côres nos estofos, e dár-lhes aquella adherencia, e lustre, que he hoje o principal merecimento da Arte da Tintura. Não pôde deixar de ser agradável o conhecer as differentes praticas, que sobre isto se uláraõ nos primeiros tempos da antiguidade.

O cuidado de edificar seguiu se ao de cultivar as terras. Sentiu o homem a necessidade de procurar asilo, que o livrasse do rigor do tempo, e dos animaes ferozes, logo que sentiu a necessidade de cuidar no seu sustento. Refugiou se primeiramente

te nas cavernas, e depois usou de folhas, e cascas de arvores para fazer mais commoda, e mais sádya a sua habitação. Nas terras, em que havia arvoredos, foi interfachando grosseiramente huns ramos com outros, e depois foi barrando com terras grossas, e oleosas esta especie de sébes, sustentando-as sobre algumas varas; ou fabricou as suas primeiras casas com troncos de arvores elevados huns sobre os outros, e dipostos em fórma quadrada. Taes foraõ os mais antigos modos de edificar, que se perpetuáraõ em muitos Póvos, assim antigos, como modernos. Tal foi tambem a primeira origem da Architectura, cuja existencia se deve á necessidade, e a sua belleza, e perfeição ao luxo. Aperfeiçoáraõ os homens o gosto pelas reflexoens que fizeraõ sobre as suas obras: chegáraõ primeiramente a conhecer as regras da proporção, e foraõ pouco a pouco accrescentando ornamentos, confórme as luzes, e genio de cada Seculo. Tem o Autor o cuidado de dár a conhecer o estado, e progressos desta bella Arte á medida, que se vai adiantando nas tres epocas, em que divide a sua obra.

Os livros de Moisés testificaõ, que já antes do diluvio se conheciaõ os metaes, mas este conhecimento he do numero daquelles, que totalmente se perdêraõ por huma revolução taõ terrivel. Ao menos vemos muitas naçoens, a quem toda a antiguidade nos representa, como privadas do uso dos metaes, que para supprir esta falta usavaõ de pedras, ossos, espinhas de peixe, &c. e naõ he facil determinar quando, e por quem se fez o descobrimento dos metaes. O que se póde segurar, he, que os Póvos cultivadores acháraõ primeiramente este descobrimento: a necessidade os obrigou a procurar nos metaes materias, que servissem a fabricar os instrumentos, de que tinhaõ necessidade. Naõ custa a conceber o modo, com que os homens chegáraõ a conhecelos, pois mil accidentes os podiaõ por, e trazer á sua vista, mas he difficil explicar, como inventáraõ a arte de os trabalhar. Só pelo fogo he, que podemos fazer que os metaes sejaõ proprios para os nossos usos, e antes de os poder forjar he necessario fundilos, e refinalos; mas estas operaçoens pedem bastante delicadeza. He verosimil, que principiassem por praticas grosseiras, e informes, e que o tempo, e a experiencia as fosse aperfeiçoando insensivelmente. He verosimil, que

que se alguns homens se unissem hoje para formar huma sociedade, no caso, que não tivessem algum conhecimento das Artes, seguirião para chegar a este o mesmo caminho, que seguirão as primeiras sociedades depois do diluvio. Estudando os trabalhos, e tentativas destas, poderíamos conhecer as experiencias, que primeiramente se fizeraõ; pois o modo de caminhar do juizo humano deve ser pouco mais, ou menos o mesmo, quando as circunstancias não são differentes. As Artes, que se fundão na necessidade, foraõ, as que primeiramente se inventáraõ. O Autor tratou dellas com aquella ordem, que até agora temos mostrado; passa logo áquellas, que devem o seu nascimento á tranquillidade, ao descanso, e áquella abundancia, de que a Agricultura he origem, e principio. Taes são a Esculptura, o Desenho, as artes do Sixel, e da Ourivezaria. Não podemos dizer couza certa sobre a epoca, e gradação destas Artes, mas bem podemos dizer, que são da antiguidade mais remota. Logo que o homem pôde satisfazer o que lhe era absolutamente necessario, procurou os meios de contentar aquelle gosto vivo, e ardente, que tem para o prazer, ou divertimentos. Diz o Autor, que nas suas indagaçoens achou, e viu com admiração, que as Artes de puro agrado são tão antigas, como aquellas, que se julgaõ mais indispensaveis, e necessarias. Pôde ser, que o seu primeiro invento fosse effeito do acaso, mas a industria, e a intelligencia reduzirão logo a methodo aquillo, a que o acaso tinha dado origem.

O Artigo, que trata da origem, e dos progressos da Escripura, só bastaria para dar assumpto sufficiente a hum bom extracto, pois he bastantemente Filosofico, e cheio de indagaçoens curiosas. Logo nos primeiros Seculos se servirão os homens de diversos meios para fazer passar á posteridade os successos mais notaveis; e disto acha o Autor provas, e exemplos na historia de todas as naçoens. A' medida, que se foraõ extendendo os conhecimentos dos homens, da mesma sóte se multiplicáraõ os objectos, que querião conservar na lembrança. Foi necessario deixar as praticas originarias, e inventar successivamente diversos signaes, que fossem proprios para representar o discurso, e exprimir o pensamento; mas ainda havia muita distancia destes signaes á arte de escrever. A primeira prova, que fizeram

raõ consistia na representaçã dos objectos corporeos. Sem falar nos monumentos da antiguidade, que confirmã isto, hoje nos mostrã os Selvagens diariamente modelos deste modo informe de escrever; mas as difficuldades, e inconvenientes de semelhante uso fizeraõ cuidar no modo de o simplificar: para isto abreviãraõ as pinturas, e em lugar de debuxar, ou pintar, v. gr. hum homem inteiro, contentãraõ-se com representar alguma couza delle. Este foi o segundo grãu de perfeiçã, que adquiriu o methodo grosseiro de representar o pensamento, e as palavras; mas quando os homens se viraõ precisados a escrever muito sobre diversas materias, corriã, que a representaçã dos objectos naõ bastava para fazer entender a maior parte das idéas, que queraõ communicar. Ajuntãraõ alguns signaes ás pinturas, que serviaõ de representar as paixoes, as acçoens, os affectos, &c. Houve povos, que achãraõ outros methodos, em que havia mais arte mas sempre defeituosos. He o mais celebre de todos aquelle, que inventãraõ os Egipcios, conhecido pelo nome de Hieroglificos. Neste modo de escrever era huma só figura imagem de muitas couzas; por que para mostrar, v. gr. a de huma Cidade sitiada pintavaõ huma escada em huma muralha: para representar huma batalha, faziaõ duas mãos, huma com hum elcudo, outra com hum arco. Desta sorte a arte de escrever, que a principio naõ era, se naõ huma simples pintura, chegou a ser ao mesmo tempo pintura, e simbolo, e nesta fórma teve hum notavel progresso, e adiantamento.

Depois de se inventar a Escriptura hieroglifica, que chegou a toda aquella perfeiçã, que foi possivel, faltava ainda imaginar caracteres, que podessem pintar as palavras, e exprimir aos olhos o effeito dellas independentemente dos objectos. Para chegar a este descobrimento observãraõ os homens, que as palavras naõ eraõ compostas, se naõ de hum certo numero de sons, e procurãraõ representar cada hum destes sons por hum signal particular. Esta he a Escriptura syllabica, na qual se emprega unicamente hum só caracter para escrever cada syllaba, de que se compoem huma palavra. Naõ havia entãõ nem vogaes, nem consoantes, e naõ podia deixar de causar grandes embarços a multiplicidade dos signaes, de que devia constar o Alfabeto syllabico. Procurãraõ hum caminho mais facil, e
por

por fim imagináraõ esta Elcriptura, pela qual com hum pequeno numero de signaes repetidos, e combinados diversamente se pôde representar toda a sorte de idéas, e de palavras. Quasi todas as naçoens adoptáraõ este invento sublime, a que foraõ os homens chegando pouco a pouco por degráus em diferentes partes do mundo.

A necessidade foi mãi das Sciencias, assim como o tinha sido das Artes. A principio não cuidavaõ os homens se não no que era mais necessario á vida; mas quando comêçáraõ a gozar de alguma commodidade, apparecêraõ entre elles homens de talento distincto, que sujeitáraõ a regras as praticas, e usos grosseiros, que até ali tinhaõ seguido. Foraõ insensivelmente estabelecendo principios fixos, e elevando-se por degráus áquelles conhecimentos univértaes, que se cõdecóraõ com o nome de Sciencias; mas seria difficil dizer qual foi o caminho, que tiveraõ para chegar a estes conhecimentos. Os Autores antigos não nos offerecem luz bastante para vêr claramente este objecto; só por conjecturas podemos supprir o seu silencio. Mas se a origem das Sciencias, e os seus primeiros progressos se achaõ encerrados nas trevas, e na obscuridade, a serie da sua historia dá huma ampla materia ás indagaçoens do Autor, principalmente depois de chegar á terceira época. No fim dos Seculos, que esta comprehende, se viraõ as letras, e a Filosofia principiar a manifestar na Grecia aquellas immortaes producçoens, de que nunca cessou, nem ainda cessa o universo de se enriquecer todos os dias. Os Gregos occupaõ aqui hum espaço consideravel, e o Autor pinta excellentemente os successos, que estes tiveraõ nas Artes, e nas Sciencias. Isto se pôde vêr no mesmo livro, como tambem tudo o que pertence á origem, e progressos do Commercio, da Navegaçaõ, da arte Militar, e dos costumes. O que temos dito, basta para mostrar o seu plano, e objecto, e para fazer conhecer o methodo do Autor.

Metaphysica ad usum Schola accommodata, Auctore Antonio Seguy, &c.

Isto he

Metafisica para o uso das Escolas por Antonio Seguy.

SEGUNDO EXTRACTO.

NESTA segunda parte trata o Autor de Deus, e da Alma, que he a Pneumatologia. Os argumentos Metafisicos, Phisicos, e Moraes, de que o Autor se serve para combater, os que negão a existencia de Deus, desfazem as objecções mais fortes, e não deixão refugio algum ás subtilezas do Atheismo. Primeiramente refuta em particular o Atheismo de Epicuro, e o systema dos Atomos; logo a monstruosa hypothese da substancia unica, imaginada, ou resuscitada por Espinosa. Todas as outras opinioens dos Atheistas, ou vão dár nestas, ou não merecem mais attenção, do que as fantasias dos homens delirados. Epicuro, e Espinosa não discorrem melhor, mas como déraõ ás suas loucuras huma apparencia mais Filosofica, do que os outros Atheistas, foi justo combatelos para não deixar algum recurso a outros taes abortos do juizo humano.

Quando o Autor trata da novidade do mundo, examina as pertendidas antiguidades de certos Povos, como Egipcios, e a respeito destes segue o systema de Mr. Freret, que queria em

por fim imagináraõ esta Escriptura, pela qual com hum pequeno numero de signaes repetidos, e combinados diversamente se pôde representar toda a sorte de idéas, e de palavras. Quasi todas as naçoens adoptáraõ este invento sublime, a que foraõ os homens chegando pouco a pouco por degráus em diferentes partes do mundo.

A necessidade foi mãi das Sciencias, assim como o tinha sido das Artes. A principio naõ cuidavaõ os homens se naõ no que era mais necessario á vida; mas quando começáraõ a gozar de alguma commodidade, apparecêraõ entre elles homens de talento distincto, que sujeitáraõ a regras as praticas, e usos grosseiros, que até ali tinhaõ seguido. Foraõ insensivelmente estabelecendo principios fixos, e elevando-se por degráus áquelles conhecimentos univérfaes, que se códecóraõ com o nome de Sciencias; mas seria difficil dizer qual foi o caminho, que tiveraõ para chegar a estes conhecimentos. Os Autores antigos naõ nos offerecem luz bastante para vêr claramente este objecto; só por conjecturas podemos supprir o seu silencio. Mas se a origem das Sciencias, e os seus primeiros progressos se achaõ encerrados nas trevas, e na obscuridade, a serie da sua historia dá huma ampla materia ás indagaçoens do Autor, principalmente depois de chegar á terceira época. No fim dos Seculos, que esta comprehende, se viraõ as letras, e a Filosofia principiar a manifestar na Grecia aquellas immortaes produçoens, de que nunca cessou, nem ainda cessa o universo de se enriquecer todos os dias. Os Gregos occupaõ aqui hum espaço consideravel, e o Autor pinta excellentemente os successos, que estes tiveraõ nas Artes, e nas Sciencias. Isto se pôde vêr no mesmo livro, como tambem tudo o que pertence á origem, e progressos do Commercio, da Navegaçaõ, da arte Militar, e dos costumes. O que temos dito, basta para mostrar o seu plano, e objecto, e para fazer conhecer o methodo do Autor.

Metaphysica ad usum Scholæ accommodata, Auctore Antonio Seguy, &c.

Isto he

Metaffica para o uso das Escolas por Antonio Seguy.

SEGUNDO EXTRACTO.

NESTA segunda parte trata o Autor de Deus, e da Alma, que he a Pneumatologia. Os argumentos Metafficos, Phisicos, e Moraes, de que o Autor se serve para combater, os que negão a existencia de Deus, desfazem as objecções mais fórtes, e não deixaõ refugio algum ás subtilezas do Atheismo. Primeiramente refuta em particular o Atheismo de Epicuro, e o systema dos Atomos; logo a monstruosa hypothese da substancia unica, imaginada, ou resuscitada por Espinosa. Todas as outras opinioens dos Atheistas, ou vão dár nestas, ou não merecem mais atençaõ, do que as fantasias dos homens delirados. Epicuro, e Espinosa não discorrem melhor, mas como déraõ ás suas loucuras huma apparencia mais Filosofica, do que os outros Atheistas, foi justo combatelos para não deixar algum recurso a outros taes abortos do juizo humano.

Quando o Autor trata da novidade do mundo, examina as pertendidas antiguidades de certos Póvos, como Egipcios, e a respeito destes segue o systema de Mr. Freret, que queria em

1733. que a época certa do imperio Chino não subisse, se não até Yao 2150. annos antes da era de Christo. Esta época cahiria quasi 200 annos antes do Diluvio, ainda suppondo a Chronologia ordinaria do Hebreu, e na hypothese de Usserio, que poem o principio da era Christan na era 4004. do Mundo: basta este systema para mostrar, que as origens Chinas não passão além do Diluvio. A Chronologia, que se mandou a França há 14. ou 15. annos de Pekin, critica as opinioens de Freret, mostra o defeito della, e faz subir o principio de Yao pelo menos ao anno 2261. antes de Christo, e neste lugar se lê, que o Academico reconheçêra haver alguma brevidade na sua Chronologia China. Mas em fim, se puzermos a época desta nação no anno 2261. antes de Christo, estaremos sempre quasi hum Seculo abaixo do Diluvio, e não faltará mais, do que mostrar, como poderia a China ser povoada 100. annos depois do Diluvio, e no mesmo tempo, que succedeu a dispersão dos povos; pois he certo, que seria necessário muito maior espaço de tempo, para que se estendesse a propagação desde os campos de Sennár até a China. Mas esta dificuldade, que vemos em parte no systema de Mr. Freret, e do Abbade Seguy, pôde resolver-se, adoptando a Chronologia dos 70. ou dos Samaritanos, ou suppondo, que Noé com o nome de Fohé povoou o Occidente, ou o Norte da China: opiniaõ que tem muito boas probabilidades, e que satisfaz todas as objecçoens. Mas seja isto, por este, ou por outro qualquer modo, vemos, que nesta hypothese está a China mui longe de nos dár Preadamitas, ou de contradizer os livros de Moisés; e esta he a conclusaõ, que daqui tira o Abbade Seguy. Diz o Autor mais alguma couza dos Chinos, quando falla no consentimento dos Povos em favor do dogma da existencia de Deus. Entre as objecçoens de Bayle, e outros se acha, que os Letrados da China são todos os Atheistas, mas isto nada provaria contra o grito universal das naçoens declaradas todas pelo Theismo; pois os Letrados não fazem a milonesima parte do Povo da China. São estes simplesmente huma classe de homens, que fazem profissãõ de estudar; e bem se sabe, que o argumento, que se tira da persuasãõ dos povos a favor do Theismo, não se restringe a sociedades particulares, e além disto, como observa o Autor, he

he falso, que todos os Letrados da China sejaõ Atheistas. A maior parte delles reconhecem, e adoraõ *hum Deus, que creou o mundo, e governa pela sua providencia o curso das couzas humanas.*

Quando o Abbade Seguy distingue as diversas sortes de Atheistas, diz muito bem, que há *Atheistas Praticos*, que saõ aquellas pessoas, que pelos remorsos da tua consciencia dezejaõ, que não haja Deus, que castigue os seus vicios, e peccados; e para estes saõ necessarios mais argumentos moraes, do que metafisicos. Há *Atheistas negativos*, juizos taõ limitados, e taõ inclinados em cuidar no corpo, que nunca discorrem de Deus, e para estes saõ necessarias instrucçoens elementares, pois só oppoem ao Theismo a ignorancia, e não a obstinaçaõ. Há Atheistas cheios de duvidas contra a existencia de Deus, que saõ aquelles genios teimosos, que só sabem ajuntar nuvens sem nunca as desfazer para vêr a luz. Estas pessoas tem commummente algum interesse, ou de vaidade, ou de gosto; ou saõ cabeças mal organizadas, contra as quaes he necessario brandura, paciencia, e longanimidade. Em fim há *Atheistas Positivos, Especulativos, e Systematicos*, que pertendem destruir a existencia de Deus por hypotheses contrarias. Combatein o Theismo, e pregaõ o Atheismo; e não crendo couza alguma, pertendem substituir as suas opinioens, e sistemas á crença universal de hum Deus. Observa o Abbade Seguy, que estes Atheistas não estaõ convencidos do Atheismo, vista a impossibilidade de ter provas reaes da não-existencia do primeiro Ente. O cuidado, que tomaõ de disputar, ou escrever contra os Theistas mostra, que o seu juizo trabalha em tirar aquelle resto de luz, que os inquieta, e offende. Mas ainda que se não ache nesta especie de impios huma *convicçaõ* plena, e absoluta da sua opiniaõ, não se pôde negar, que haja *Atheistas Positivos, Especulativos, e Systematicos*, que saõ homens cheios de sofismas, de principios falsos, de objecçoens, de prevençoens contra os argumentos mais claros, e mais convencentes dos Theistas. Houve, e ainda hoje há no mundo Epicuricos, Espinosistas, Diagoras, Lucrecios, Pínicos, &c.

Para fallarmos agora nos attributos de Deus, principiaremos pela unidade, que envolve a refutaçaõ dos dous principi-

os de Manes. Hoje ninguem faria caso da controversia do bom, e do máu principio, se Bayle a não viesse embaraçar mais com os seus argumentos. Ao mesmo tempo, que este Escriptor confessa, que o Manicheísmo he hum absurdo, conforme a Escriptura Santa, e luzes da razão, não deixa de defender, e pugnar por este systema, como se fosse o unico, que podesse satisfazer o fenómeno da existencia actual do bem e do mal. Varia, e apoia esta asserção por mil differentes modos, que o nosso Autor conheceu bem, e os refutou em poucas palavras.

A primeira observação, que destroe a idéa de Bayle, he que sem fructo, ou razão se pertenderia explicar a existencia do bem, e do mal por huma hypothese contraria á razão commua, como he a opiniaõ dos Manicheos; pois a contradicção, a sem razão, e a loucura nada explicaõ. Mostra logo o Abbade Seguy, que Bayle não tem noçõens algumas verdadeiras de liberdade, nem em Deus, nem nas Creaturas racionais: que Bayle não sabe propor-se o argumento solido, e geral tirado dos designios, e viltas superiores, que Deus teve, ou pôde ter da permissoã do mal físico, ou do mal moral: que huma prova desta ignorancia he a multidaõ de paridades fofiticas, que o Filosofo do Rotterdam estabelece entre os agentes creados, e a Providencia: que segundo as suas proposiçoens sobre a bondade infinita de Deus, sobre os inconvenientes do mal moral, e sobre os meios que Deus tem sempre de impedir, se seguiria, que não poderia Deus castigar, ou recompensar; e isto he bem evidente, pois repugnaria aos attributos Divinos permittir já mais o menor mal, infligir por consequencia algumas penas para o castigar. Daqui nasce esta consequencia, que não haveria nem Religiaõ, nem cuidado da salvaçaõ, nem verdadeiro reconhecimento dos beneficios de Deus, nem sentimento dos bens, que acompanhaõ o seu serviço. Tudo seria bom pela necessidade das perfeiçoens, e dos Decretos de Deus. Facilmente se comprehendem as consequencias desta doutrina.

Entra o Autor depois disto em boas questõens de Metaffica sobre a Imensidade, Eternidade, e Immutabilidade de Deus, e nisso há huma materia rica de subtilizas que com effeito são utilis, e agradaveis. Fallando, v. gr. na Imensidade, procura

cura saber, se he huma difusão real da substancia Divina, como julgáraõ Clarke, e Dagoumer, ou se he huma difusão virtual, como dizem os Thomistas, ou em fim, se he huma simples presença em todos os lugares, em tanto que Deus opéra nelles, ainda que a sua substancia não esteja, nem possa estar em algum lugar. Segue o Autor esta ultima opiniaõ, e refuta as outras. Os que reconhecêraõ a difusão da Essencia Divina, querem ter hum lugar externo para os corpos; explicar a natureza do espaço, e dizer que couza he o vacuo, que existiria entre quatro paredes, se Deus aniquilasse todos os corpos interpostos: pois a hypothese Cartesiana da impossibilidade do vacuo he huma quimera.

Refuta o nosso Autor o systema da diffusão, e contenta-se com dizer, que o espaço, ou o vacuo he a idéa abstracta da extensaõ corporea imaginada; como possível: o que tambem não he isento de dificuldades; pois o espaço parece ter alguma couza além de huma idéa simples. Ve se, mede se, e poem se nelle quanto se deseja; mas hum bom Metafisico, como Seguy, acha para tudo expedientes, e resolve as dificuldades, evitando ao menos as faltas, e erros, que censura aos outros.

Pergunta-se, se a Eternidade de Deus he successiva? Diferençaõ, que sim alguns, entre os quaes he Dagoumer, e isto não se póde tolerar: por que se seguiria, que a duração de Deus seria composta de muitas existencias, que viria huma depois da outra, e o ser de Deus não seria immudavel. Outras muitas razoes combatem a mesma opiniaõ; mas toda a causa da illusão he o julgar se; que toda a duração consiste em huma fórte de curso, e de continuacão de instantes; e isto com effeito poem huma ordem de successão até na Eternidade de Deus. Mas he necessario reformar esta idéa, e considerar a duração de Deus, como a perseverança do seu ser; ora a perseverança de hum ser não comprehende essencialmente a idéa de successão. Devemos estar firmes neste principio sem embargo de tudo, o que nos diz a imaginacão, e os entes creados. Perseverar na sua existencia não he correr huma continuacão de instantes, que vão passando huns atraz dos outros; he existir, e que mais? Existir, e que outra couza he mais? Existir: tudo

do isto fora do tempo, e sem relação alguma ao tempo.

A conformidade, ou harmonia da immutabilidade, e liberdade de Deus he hum grande ponto de controversia. Abraça o Autor o pensamento dos Elcofistas, que admittem em Deus *actos contingentes*; isto he, julgaõ, que Deus sem offensa da sua grandissima simplicidade, e immutabilidade pôde adquirir volições, e nolições respectivè aos entes creados, e que pôde querer, ou não querer a existencia do mundo, &c.

Nas duzentas paginas, que se seguem, tracta o Autor 1. do Optimismo, que elle refuta. 2. da Sciencia de Deus tanto, no que diz respeito aos futuros necessarios, como aos futuros livres. 3. da conservação das creaturas, que o Autor julga ser, da parte de Deus, positiva, e directa, defôrte que tem elle determinado todos os instantes da duração dos entes creados. 4. da premoção fisica dos Thomistas, do concurso simultaneo dos Molinistas, e do systema do P. Mallebranche: tres opinioens, que o Autor propoem, e combate sem estabelecer alguma, que lhe seja propria.

Trata o Autor da Alma com bastante extensaõ, principalmente no que respeita á sua immaterialidade contra Loke, la Mètrie, Lucrecio, e alguns outros materialistas. *Eu sou corpo, e discorro*, diz hum delles: mas o Autor mostra, que he huma preocupação grosseira da infancia. Costumamo-nos a attribuir as sensações aos organos dos sentidos, pomos a dôr no braço, ou pé offendido; mas huma pouca de reflexaõ basta para emendar este juizo, que fazemos, convencendo-nos, que todas as sensações, ainda as mais contradictorias estão em hum só, e mesmo sujeito, que he huma substancia simples, e inextensa. Mas, *dizem todos os Materialistas*, nós não conhecemos todas as propriedades da materia; quem nos disse, que não haja alguma, da qual resulte a faculdade de discorrer? Destroe o Autor com huma palavra este argumento tantas vezes repetido, e pergunta, se tambem das propriedades do circulo podemos tirar a conclusão, de que há alguma, cuja virtude possamos dizer, que o circulo pôde ser quadrado? Logo não há couza menos racional, do que imaginar huma hypothese, onde a favor das qualidades, que se não co-

nhe-

do isto fora do tempo, e sem relação alguma ao tempo.

A conformidade, ou harmonia da immutabilidade, e liberdade de Deus he hum grande ponto de controversia. Abraça o Autor o pensamento dos Elcofistas, que admittem em Deus *actos contingentes*; isto he, julgaõ, que Deus sem offensa da sua grandissima simplicidade, e immutabilidade pôde adquirir volição, e noliçoens respectivè aos entes creados, e que pôde querer, ou não querer a existencia do mundo, &c.

Nas duzentas paginas, que se seguem, tracta o Autor 1. do Optimismo, que elle refuta. 2. da Sciencia de Deus tanto, no que diz respeito aos futuros necessarios, como aos futuros livres. 3. da conservação das creaturas, que o Autor julga ser, da parte de Deus, positiva, e directa, desõte que tem elle determinado todos os instantes da duração dos entes creados. 4. da premoção fisica dos Thomistas, do concurso simultaneo dos Molinistas, e do systema do P. Mallebranche: tres opinioens, que o Autor propoem, e combate sem estabelecer alguma, que lhe seja propria.

Trata o Autor da Alma com bastante extensaõ, principalmente no que respeita á sua immaterialidade contra Loke, la Mètrie, Lucrecio, e alguns outros materialistas. *Eu sou corpo, e discorro*, diz hum delles: mas o Autor mostra, que he huma preocupação grosseira da infancia. Costumamo-nos a attribuir as sensaçoens aos organos dos sentidos, pomos a dôr no braço, ou pé offendido; mas huma pouca de reflexaõ basta para emendar este juizo, que fazemos, convencendo-nos, que todas as sensaçoens, ainda as mais contradictorias estaõ em hum só, e mesmo sujeito, que he huma substancia simples, e inextensa. Mas, *dizem todos os Materialistas*, nós não conhecemos todas as propriedades da materia; quem nos disse, que não haja alguma, da qual resulte a faculdade de discorrer? Destroe o Autor com huma palavra este argumento tantas vezes repetido, e pergunta, se tambem das propriedades do circulo podemos tirar a conclusão, de que há alguma, por cuja virtude possamos dizer, que o circulo pôde ser quadrado? Logo não há couza menos racionavel, do que imaginar huma hypothese, onde a favor das qualidades, que se não co-

nhe-

nhecem, comprehenderea huma couza attributos contradic-
 rios. O pensamento he simples, e sem composiçaõ de partes;
 a materia he solida, extensa, e divisivel; como se pôdem con-
 ciliar estas couzas entre si? O resto deste Tratado consta de
 questoes curiosas, e utis a respeito da essencia da Alma, da
 uniaõ da Alma, e do corpo, da origem da Alma, da nature-
 za dos pensamentos, da causa das idéas, que a Alma tem de
 si mesma, e das suas operaçoens; da vontade humana, dos ha-
 bitos adquiridos, e infusos, e da differença das Almas. O Au-
 tor expoem, o que he menos sujeito a difficuldades, e mostra
 huma grande instrucçaõ dos melhores livros de Metaffica.

Del' esprit. A Paris, chez Durand in quarto.

O ruido, que tem feito este livro na Europa nos obrigaría a
 dar huma noticia delle pela obrigaçaõ, que temos de dar no-
 ticia das obras mais celebres; mas sendo elle taõ pernicioso,
 que até tem feito prevaricar alguma parte da mocidade, que
 não conhece os fundamentos da nossa Religiaõ, servirá de con-
 traveneno ás perigosas maximas desta obra o mesmo arrepen-
 dimento do Autor, que procura, e dezeja se saiba por todo
 o mundo. „Eu diz elle, dei com confiança o livro del' esprit; por
 „ que o dei com simplicidade. Não previ o effeito, por que não
 „ vi as consequencias horrosas, que daqui resultaõ; fiquei ad-
 „ mirado, e ainda muito mais afflito. Não tenho hoje maior ma-
 „ goa, do que a de considerar, que inquietei, e escandalizei
 „ tantas pessoas doutas, pias, e dignas de respeito dando-lhes
 „ sufficiente motivo para suspeitar mal da minha Religiaõ, e
 „ coraçãõ; mas hoje reconheço esta falta, e a quero expiar
 „ pelo mais amargo arrependimento. D'zejo sinceramente, que
 „ ninguem julgue de mim pela minha obra, e que se saiba, que
 „ fui o primeiro, que pedi se supprimissem, conhecido o perigo.
 „ Saiba o mundo, que não quiz offender, nem duvidar, ou dar
 „ moti-

» motivo a duvidar-se da natureza da Alma, da sua origem ;
» espiritualidade, e immortalidade; nem menos combater al-
» guma das verdades do Christianismo, que professo sincèramen-
» te, e a que sujeito todos os meus pensamentos, opinioens,
» e faculdades do meu ser. Estando certo, que tudo o que não
» he conforme á sua mente, não o póde ser á verdade: estes
» são os meus sentimentos verdadeiros, com os quaes vivi, vi-
» virei, e morrerei.

Helvecio.

F I M.